

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The woman is on top, leaning over the man, with her eyes closed and lips slightly parted. The man is looking up at her, also with his eyes closed. The background is a soft, warm pinkish-red.

Uma Semana PARA TE AMAR

Romance

BESTSELLER INTERNACIONAL

MONICA MURPHY

«O livro perfeito que parou
o meu mundo por algumas horas.»

The Obsessive Reader



Prólogo

Dia 6, 23h00

Estou demasiado envolvida.

Estas três pequenas palavras não param de ressoar na minha cabeça. É a descrição perfeita sobre como me sinto neste preciso momento. Demasiado envolvida nas tuas palavras doces, que me apertam o coração, nos teus braços fortes e hábeis e nos teus lábios quentes e suaves. Estou demasiado envolvida nesta... vida simulada na qual estou completamente submersa.

E sabes que mais? Gosto. Adoro. Embora saiba, bem lá no fundo, que é uma farsa. Que a maneira como falas comigo, como olhas para mim, me tocas e me beijas... é tudo espetáculo. Sou uma espécie de proteção para ti, mas não me importo. Desejo-a. Desejo-te.

Só não percebo porque estamos aqui. Neste instante. Estou na tua cama e estamos meio nus, com os nossos braços e pernas envolvidos um no outro, o lençol a escorregar dos nossos corpos pois a nossa pele está tão quente que parece que estamos a arder vivos. Continuas a beijar-me e a segredar na minha orelha o quanto me desejas e só Deus sabe como eu também te desejo, mas esta vozinha irritante dentro da minha cabeça diz-me que só temos mais um dia para estarmos juntos e a seguir regressamos ao mundo real.

Onde tu me ignoras. E eu te ignoro. Vais conseguir o que queres — chocar o raio dos teus pais e toda a gente lá em casa para que não te voltem a chatear. E eu vou conseguir o que quero, o dinheiro que me prometeste para «aturar os teus problemas durante sete dias» — citação literal — para poder tomar conta do meu irmão durante pelo menos um pouco mais de tempo. E depois regressarmos aos nossos antigos papéis.

Em que tu me odeias e eu te odeio.

Será uma mentira. Posso ter-te odiado antes de tudo isto, mas agora...

Julgo que estou a apaixonar-me por ti.

Capítulo 1

Faltam quatro dias e o tempo está a contar...

Drew [verbo]: puxar para si por meio de uma força ou influência inerente; atrair.

Espero por ela fora do bar, encostado ao prédio de tijolo áspero, com as mãos enfiadas nos bolsos da minha camisola e os ombros arqueados contra o vento. Está um frio danado e está escuro, por causa das nuvens que pairam baixas no céu. Não há estrelas, não há lua. É arrepiante, especialmente porque estou aqui fora à espera sozinho.

Se começar a chover e ela não tiver saído do trabalho, é melhor esquecer. Vou-me embora. Não preciso desta porcaria.

O pânico trespassa-me e eu respiro fundo. Não consigo ir-me embora e tenho consciência disso. Preciso dela. Nem sequer a conheço e de certeza que ela não me conhece, no entanto preciso dela para sobreviver. Não me importo se parecer que sou um autêntico covarde ou coisa parecida; é verdade.

Nem pensar em enfrentar sozinho a semana que aí vem.

A música que me chega do bar minúsculo martela ruidosamente e eu ouço as pessoas a rir e a gritar lá dentro. Sou capaz de jurar que reconheço a maior parte das vozes. Estão a divertir-se. Os testes do semestre estão a decorrer e a maioria de nós devia estar a estudar, certo? A congelar na biblioteca ou debruçados sobre as secretárias, com as cabeças enfiadas num livro ou curvados sobre os computadores

portáteis, a rever apontamentos, a fazer trabalhos ou a escrever teses, o que quer que seja.

Em vez disso, a maioria dos meus amigos está a cair de bêbada naquele bar. Ninguém parece importar-se que ainda só seja terça-feira e faltem três dias de testes e para entregar trabalhos. Chegou o momento do «ou vai ou racha», mas estão todos concentrados no facto de nos irmos embora para a semana. A maioria de nós está com pressa de sair desta porcaria de cidadezinha onde estudamos.

Como eu. Sábado à tarde piro-me. Apesar disso, não me quero ir embora. Preferia ficar aqui.

Mas não posso.

Ela sai do trabalho à meia-noite. Perguntei a uma das outras empregadas de mesa que trabalha no La Salle quando me esgueirei para ali mais cedo, antes que chegasse alguém. Ela tem estado lá dentro, a trabalhar na cozinha, por isso não me viu. O que é ótimo.

Não queria que ela desse por mim. Por enquanto. E os meus «amigos» também não precisam de saber o que pretendo fazer. Ninguém sabe do meu plano. Receio que, se soubessem, me convenceriam a desistir.

É como se não tivesse ninguém a quem contar. Pode parecer que estou rodeado de uma série de pessoas a quem chamo amigos, mas não sou íntimo de nenhum deles. Não quero ser. Ser demasiado íntimo de alguém só traz problemas.

A velha porta de madeira abre-se, rangendo nas dobradiças, e o barulho que vem de lá de dentro chega-me como uma rajada encorpada que me atinge o peito. Ela surge na escuridão, a porta bate atrás dela, e o som ecoa no ar da noite que, de outro modo, estava silencioso. Traz um casaco vermelho curto e entufado que quase a engole e que faz com que as suas pernas enfiadas nuns collants pretos pareçam demasiado compridas.

Afasto-me da parede e aproximo-me dela.

— Olá.

O olhar circunspeto com que me olha de relance diz tudo.

— Não estou interessada.

Desculpa?

— Mas eu não te perguntei nada.

— Eu sei o que tu queres. — Começa a andar e eu vou atrás dela. Perseguido-a, literalmente. Não planeei isto. — Vocês são todos iguais. Julgam que podem ficar aqui à minha espera, na esperança de me apanharem. De me encurralarem. A minha reputação é muito pior do que aquilo que alguma vez fiz com qualquer um dos teus amigos — dispara ela por cima do ombro enquanto ganha velocidade. Para uma pessoa tão pequena, não há dúvida de que é rápida.

Espera lá. O que queria ela dizer com aquilo?

— Não estou à procura de um alvo fácil.

Ela ri-se mas o som do seu riso é frágil.

— Não precisas de mentir, Drew Callahan. Eu sei o que queres de mim.

Pelo menos sabe quem eu sou. Agarro-lhe no braço quando se prepara para atravessar a rua, impedindo-a de continuar o seu caminho, e ela volta-se para me lançar um olhar furioso. Sinto os dedos a latejar, embora só esteja a agarrar o tecido de um casaco.

— O que é que julgas que quero de ti?

— Sexo. — Ela cospe a palavra, com os seus olhos verdes semicerrados, o cabelo louro-claro a brilhar sob a luz do candeeiro de rua onde paramos. — Olha, os meus pés estão a dar cabo de mim e estou exausta. Escolheste a noite errada para pensar que me consegues enganar.

Estou completamente confuso. Fala como se fosse uma prostituta e eu estivesse à espera de que me fizesse um serviço numa viela.

Sorvo os seus traços e o meu olhar recai sobre a sua boca. Tem uma boca grande. Carnuda, com lábios sensuais; provavelmente é ótima na cama, se for para sermos honestos, mas não é para isso que estou aqui.

Isto leva-me a pensar em quantos colegas do meu grupo é que já terão estado com ela. Ou seja, para ser franco, a única razão por que estou a conversar com ela é precisamente por causa da reputação de que ela fala. Mas não estou a tentar comprá-la para fazermos sexo.

Estou a tentar suborná-la para me proteger.

***Fable* [substantivo]: uma história que não é baseada em factos; falsidade.**

Drew Callahan, o menino de ouro da faculdade, não me larga e não parece disposto a fazê-lo, o que está a pôr-me nervosa. É enorme, com bem mais de um metro e oitenta e uns ombros largos como uma montanha. Tendo em conta que joga futebol, não surpreende, pois não? E estive com alguns dos rapazes da sua equipa. São todos bastante musculados e grandes.

Mas nenhum deles me acelera o coração só por me agarrar no braço. Não gosto da maneira como reajo a ele. Normalmente não reajo a ninguém.

Liberto-me da sua mão com a força toda que consigo reunir e afastome dele, ganhando alguma distância necessária. Uma espécie de luz suplicante tremeluz nos seus olhos e eu entreabro os lábios, pronta para o mandar passear, quando ele se antecipa.

— Preciso da tua ajuda.

De testa franzida, apoio as mãos nas ancas. O que não é fácil, tendo em conta o estúpido casaco volumoso que tenho vestido. Cá fora está frio e a saia fina que uso para trabalhar permite que uma forte corrente de ar suba pelas minhas pernas. Dou graças a Deus por ter vestido collants de lã, apesar de saber que o meu patrão os odeia. Diz que não são sensuais.

Estou-me nas tintas para o que ele acha que é sensual. As minhas gorjetas são boas. Tenho mais de cem dólares na carteira, ganhos esta noite. Embora já estejam gastos.

O meu dinheiro está sempre gasto antes de me chegar às mãos.

— Porque é que precisas da minha ajuda? — pergunto.

Ele olha em volta, como se receasse que alguém nos pudesse ver. Não admira. A maior parte dos rapazes não quer ser vista comigo em público.

Às vezes custa ser vista como a prostituta da universidade. Sobre-tudo quando nem sequer se anda naquela estúpida universidade.

— Talvez pudéssemos ir a algum lado onde conversar — sugere ele com um leve sorriso. Tenho a certeza de que a maior parte das raparigas se derreteriam à primeira vista com aquele sorriso, com aquele olhar sedutor estampado na cara. É uma cara bonita, e ele sabe, com aquelas sobrancelhas escuras a condizer com os seus cabelos castanhos e uns atraentes olhos azuis.

Mas eu não sou como a maior parte das raparigas. Não me deixo tentar por um monte de tretas.

— Não vou contigo a lado nenhum. Se tens alguma coisa a dizer, podes dizê-lo aqui mesmo. E sê rápido, pois tenho de ir para casa. — Tenho a certeza absoluta de que a minha mãe não está lá e de que o meu irmão está sozinho.

O que não é nada bom.

Expira desagradavelmente, dando a entender que está irritado. Não me importo. Seja o que for que tem para me dizer, não há de ser nada que me interesse. Apesar disso sou demasiado curiosa, por isso preciso de saber. Para poder saborear mais tarde.

O Drew Callahan não fala com raparigas como eu. Eu sou uma tipa cá da terra. Uma bimba. Ele é o *quarterback*¹ da nossa equipa de futebol vencedora da universidade. É como se fosse uma estrela, maior do que a vida, com fãs e tudo. Tem aspirações a pertencer à Liga Nacional de Futebol, por amor de Deus.

Já eu, tenho um trabalho de treta e mal me consigo sustentar. A minha mãe é uma alcoólica que dorme com todos e o meu irmão mais novo está a começar a ter problemas na escola. Os nossos mundos são totalmente opostos. Não faço a menor ideia porque quer ele falar comigo.

— As férias do Dia de Ação de Graças são na próxima semana — começa ele por dizer, e eu reviro os olhos.

¹ Posição do futebol americano. [N. da T.]

Não me digas. Também estou muito agradecida por isso. Significa que toda a gente irá sair desta cidade e que o bar irá ficar virtualmente vazio, e que o trabalho vai ser mais fácil.

— Continua.

— Tenho de ir a casa. — Faz uma pausa, desvia o olhar do meu e sinto um mal-estar pela coluna abaixo. Não faço ideia de o que aquilo tem que ver comigo. — Quero que vás comigo.

Muito bem. Não estava à espera disto.

— O quê? Porquê?

O seu olhar cruza-se novamente com o meu.

— Quero que finjas que és minha namorada durante uma semana.

Olho para ele com um ar embasbacado. Sinto-me um peixe moribundo. A fechar os lábios, a abri-los. Como se estivesse a arfar pelo meu último fôlego, o que até parece ser o que estou a fazer.

— Estás a brincar.

Ele abana lentamente a cabeça.

— Não, não estou.

— Porquê eu?

— Eu... — Abana a cabeça e aperta os lábios, como se não me quisesse dizer. — Eu pago-te.

Cruzo os braços à frente do peito. Estão elevados devido ao estúpido casado entufado. Odeio-o, mas é o meu casaco mais quente. Aposto que pareço uma balofa.

— Não estou à venda.

— Ouve, não te quero pagar por nada de... sexual. — O seu tom de voz desce uma oitava e sinto um calafrio a percorrer toda a minha pele. Disse aquilo de uma maneira sensual, apesar de não ter sido essa a sua intenção. — Só preciso que finjas que és minha namorada. Não temos de partilhar um quarto nem nada que se pareça. Não vou tentar saltar-te para cima, mas tem de parecer que andamos os dois, percebes o que quero dizer?

Não respondo. Quero que ele continue com aquilo, para mais tarde me poder lembrar do idiota do Drew Callahan a pedir-me para ser a sua namorada a fingir. A cena não podia ser mais surreal.

— Sei que tens uma vida e um emprego e seja lá mais o que for. Talvez seja difícil para ti abandonar tudo e ires passar uma semana comigo, mas prometo-te que vou fazer com que valha a pena o tempo que perderes.

Faz-me sentir uma pessoa fácil com esta última observação. Como se eu fosse a prostituta que todos os rapazes apregoam. Os exageros são ridículos. As histórias são tão ultrajantes que nem me dou ao trabalho de as desmentir. Não vale a pena.

— De quanto é que estamos a falar?

Fixa os olhos nos meus e eu caio na armadilha. A expectativa invade-me enquanto espero pela sua resposta.

— Três mil dólares.

Capítulo 2

Faltam dois dias e o tempo começa a contar...

«Para variar, quero saber qual é a sensação de ser a primeira escolha de alguém.»

Fable Maguire

Fable

Ainda não consigo acreditar que concordei em fazer isto. Três mil dólares é demasiado dinheiro para ignorar. E o Drew sabe disso. Ele agarrou-me no momento em que deixou cair aquele número impressionante dos seus lábios perfeitos. Apesar da minha cautela e da minha preocupação em saber como é que vou para fora durante uma semana sem o meu mundo desmoronar totalmente enquanto estou ausente, respondi «sim», sem hesitar.

Acho que sou demasiado ambiciosa. Não posso deixar escapar uma oportunidade destas, o que me faz sentir uma porcaria, apesar de não parar de dizer a mim própria que o faço pela minha família. Pelo meu irmão, o Owen. Ainda só tem treze anos e odeio constatar que se tornou uma pessoa que está constantemente a arranjar problemas. É meigo, tem bom coração, mas envolveu-se com um grupo manhoso de rapazes na escola e anda a fazer disparates, como faltar às aulas, pequenos furtos em lojas, e também sei que fumou erva algumas vezes. Senti o cheiro na sua roupa.

A nossa mãe não quer saber. Eu sou a única que se importa. E agora vou estar fora durante uma semana. Ele só vai faltar à escola metade desse tempo, mas é o suficiente para se meter em sarilhos.

O braço de ferro que se trava no meu coração é quase esmagador.

— Porque é que tens de te ir embora?

Tiro o velho saco de lona que ninguém usa há muito tempo da prateleira de cima do armário e atiro-o para cima da cama da minha mãe. Quando ele aterra levanta-se uma nuvem de poeira.

— Não vou por muito tempo.

— Uma semana, Fable. Vais deixar-me aqui com a mãe durante sete malditos dias. — O Owen atira-se para cima da cama ao lado do saco de lona e começa a tossir por causa da poeira que fica a pairar no ar.

— Não Praguejes. — Dou-lhe uma palmada no joelho e ele rebola-se com um uivo exagerado. — É um trabalho especial, que me vai render muito dinheiro. Vamos ter um bom Natal.

— Não quero saber da merda do Natal.

Lanço-lhe um olhar severo e ele resmunga um pedido de desculpas desanimado. Desde quando é que ele se sente assim tão confortável a dizer asneiras à minha frente? O que aconteceu ao irmãozinho choramingão que me seguia para toda a parte como se tivesse uma adoração por mim?

— E que tipo de emprego tão especial é que te paga tanto dinheiro por tão pouco tempo? — O sarcasmo na sua voz é óbvio. É demasiado novo — não, não é bem assim, estou apenas a enganar-me a mim própria —, mas espero que não pense que me estou a prostituir.

Mas sinto que estou.

Trava-se uma luta dentro do meu cérebro enquanto tento encontrar uma desculpa. Não posso contar ao Owen o que vou fazer. Não lhe disse quanto dinheiro é que ia ganhar; ele só sabe que é muito. Também não disse à minha mãe, embora ela não se importasse. Não a vejo há pelo menos vinte e quatro horas, mas como tem um namorado novo, de certeza que está com ele.

— Vou trabalhar como babysitter para uma família que vai de férias na altura do Dia de Ação de Graças. Têm três filhos.

A mentira sai-me facilmente dos lábios, e isso assusta-me.

O Owen começa a rir-se, o imbecil.

— Vais ser babysitter? Tu odeias crianças!

— Não odeio nada. — Odeio. — A família é muito simpática. — Não faço ideia se os Callahans são simpáticos. — E vou ficar numa mansão enorme.

O Drew disse-me que a família dele vive em Carmel. Nunca lá estive, mas ouvi falar. Fiz uma pequena busca no Google na biblioteca e vi fotografias. O sítio parece ser fantástico. E caro.

Assustador.

— Aposto que não queres ir. — O Owen senta-se e passa os dedos pela parte de cima do saco de lona, deixando uma listra na poeira. — Vais parecer uma saloia sem guito, quando apareceres com esse saco imundo.

— Acabaste de me chamar saloia sem guito? — Não me posso sentir ofendida, pois o que ele diz é verdade. Vou parecer ridícula com o meu guarda-roupa miserável e o meu saco de lona rasgado e empoeirado. A família dele vai rir-se de mim. Provavelmente o Drew vai rir-se de mim. A seguir vai meter-me uma nota de cinquenta na palma da mão e deixar-me na estação das camionetas, pois vai perceber rapidamente que sou a namorada a fingir mais reles de sempre.

— Talvez. — O Owen faz um sorriso afetado. — Espero que a tua ida valha a pena.

O medo consome-me por uma fração de segundos, mas eu afasto-o.

— Vai valer, prometo.

— E se a mãe desaparecer? — Por um segundo vislumbro o velho Owen. O miúdo que depende de mim, que me trata como se eu fosse sua mãe, uma vez que a nossa é tão pouco fiável.

— Não vai. — Já falei com ela e vou voltar a falar antes de me ir embora. Ela precisa que estejam sempre em cima dela, como se eu fosse a mãe e ela a filha. — Eu faço-a prometer que vem para casa todas as noites.

— Acho bem. Senão eu ligo-te e peço-te que venhas para casa. — O sorriso afetado está de volta. — Posso voltar a chamar-te saloia sem guito e tu ficas tão zangada que tens de vir aqui só para me dares uma palmada no rabo.

— Isso mesmo. — Agarro-o e começo a fazer-lhe cócegas nos flancos, a cravar os dedos nas suas costelas e o som do seu riso enche-me de felicidade.

— Para! — Ele arqueja entre ataques de riso. — Larga-me!

Naquele momento único e tonto quase me esqueço da vida difícil que levamos.

Quase.

Drew

— Vais trazer uma pessoa cá a casa. — O meu pai tapa o recetor de voz com a mão mas eu ainda o consigo ouvir. — Adele, o Drew vai trazer uma pessoa cá a casa no Dia de Ação de Graças.

Estremeço. Não queria de maneira nenhuma que o meu pai comesse a inconfidência de contar à minha madrastra, sobretudo estando ainda com ele ao telefone. Ela iria saber mais tarde ou mais cedo, mas gostava que fosse mais tarde.

— Como é que ela se chama? — Ouço a voz dela. Não parece estar contente. O que me faz sentir tudo a contrair-se dentro de mim.

— Fable — digo eu espontaneamente ao meu pai.

O meu pai está calado há tanto tempo que eu penso que ele desligou, mas a seguir ouço a voz da Adele a sussurrar ao fundo.

— Então, Andy, como é que ela se chama?

Parece uma víbora ciumenta. Provavelmente é o que ela é.

— Isso é uma alcunha ou quê? — pergunta o meu pai.

— É o nome verdadeiro dela. — Também não tenho explicação para isso. Bolas, mal conheço a Fable Maguire. É uma rapariga da terra. Tem vinte anos, um irmão mais novo e trabalha num bar.

Também sei que tem um cabelo louro bonito, olhos verdes e um belo peito. Mas não vou dizer isto ao meu pai. Tenho a certeza de que ele o descobrirá sozinho.

Chegam-me de novo sons abafados e eu percebo que ele está a dizer à Adele o nome da Fable. Ouço-a rir. É uma cabra. Odeio a Adele. A minha mãe morreu quando eu tinha dois anos. Não me lembro dela, e gostava de me lembrar. O meu pai começou a namorar com a Adele quando eu tinha oito anos e casou com ela quando eu tinha onze.

A Adele é a única mãe que eu tive, e eu não a quero. Ela também sabe disso.

— Bem, traz a tua pequena Fable para ficar em nossa casa, é mais do que bem-vinda. — O meu pai faz uma pausa e eu fico tenso, com receio do que ele vai perguntar a seguir. — Tu não és pessoa para ter uma só namorada.

— Esta é diferente. — É o oposto de qualquer rapariga com quem eles gostariam que eu andasse. Quanto a mim, isto faz com que a Fable seja o mais perfeita possível.

— Estás apaixonado por ela? — O meu pai baixa o tom de voz. — A Adele quer saber.

Sinto-me a ferver de raiva. Como se ela tivesse alguma coisa que ver com isso.

— Não sei. Afinal, o que é o amor?

— Parece-me que estás a ser bastante cínico.

Aprender com os melhores torna as pessoas assim. O meu pai é uma pessoa muito distante. Não me consigo recordar da última vez que o vi beijar ou abraçar a Adele. Claro que também não me beija nem me abraça, não que eu deixasse.

— Pois, enfim, já andamos há algum tempo, mas não sei. — Encolho os ombros, mas depois lembro-me de que ele não me pode ver e sinto-me um idiota.

— Nunca tinhas falado nela.

— O que é isto, voltámos à terceira classe? — Começo a suar só por estar a mentir. Não falei com a Fable durante todo o dia e é quinta-feira à noite. Partimos no sábado à tarde. Temos de nos encontrar e acertar as nossas histórias, embora julgue que temos muito tempo para decorar os pormenores durante as quatro horas de viagem.

A minha garganta fica seca com a ideia de ficar sozinho com a Fable durante quatro horas na minha carrinha. Sobre o que é que vamos falar? Eu não a conheço e vou levá-la para casa do meu pai e fingir que estamos juntos. Temos de agir como se fôssemos um verdadeiro casal.

Mas que raio de ideia é que eu tive?

— Estou apenas curioso. Tenho a certeza de que acertaremos todos os pormenores quando chegarem. Sábado à noite, certo?

— Sim. — Engulo com dificuldade. — Sábado à noite.

— Devemos estar fora para outro evento do clube. Ainda tens a tua chave?

— Tenho. — Raios, não me apetece nada voltar. Aconteceu muita porcaria ali. Há uns tempos que evito aquele sítio como quem evita uma praga. Temos ido para fora durante as férias, nos dois últimos anos, para passar o Dia de Ação de Graças ou o Natal no Havai, no *time-share* do meu pai. Ou então fico na faculdade para os treinos de futebol ou invento outro motivo para me afastar deles durante mais uns tempinhos.

A vida é dura, eu sei. Vista de fora, a minha família parece ser perfeita. Bem, tão perfeita quanto pode ser uma família com uma mãe morta e uma irmã morta, uma madrasta que é uma cabra e um pai completamente frio.

É. Realmente perfeito.

É tramado o meu pai ter insistido comigo para ir a casa no Dia de Ação de Graças. A última vez que falámos disse-me que estava farto de que evitássemos todos ir a casa nas férias. Que precisamos de construir memórias novas.

Não quero construir memórias novas. Não lá. Não com a Adele.

— Então vemo-nos em breve. — Ouço o meu pai a andar, os seus pés ecoam contra o chão de ladrilhos, como se estivesse a afastar-se do alcance da voz da Adele. — Este Dia de Ação de Graças vai correr bem, filho. Vais ver. Parece que o tempo vai estar bom e a tua mãe parece estar mais saudável.

— Ela não é minha mãe — digo eu entredentes.

— O quê?

— A Adele não é minha mãe.

— É a única mãe que alguma vez tiveste. — Fantástico. Agora está ofendido. — Porque é que não a consegues aceitar? Meu Deus, ela faz parte da tua vida há tanto tempo.

Da parte mais negra da minha vida, e não posso revelar isso ao meu pai. Se nunca percebeu, de certeza que não é agora que vai perceber.

— Não gosto da facilidade com que esqueces a minha verdadeira mãe. Eu não a quero esquecer nunca — digo eu com veemência. Ele mantém-se calado durante um momento e eu olho através da janela mas não vejo nada. Está escuro, chove ligeiramente e o vento começou a soprar de novo, açoitando os ramos despidos das árvores que se balançam de um lado para o outro, salpicando o pátio descoberto do complexo de apartamentos onde vivo. Consigo vê-los a oscilar na escuridão.

As pessoas julgam que levo uma vida incrível. Nada disso. Estudo muito e divirto-me ainda mais, pois ajuda-me a esquecer. Tenho amigos, mas que não o são bem. A maior parte das vezes estou sozinho. Como agora. Estou sentado no meu quarto às escuras. A falar com o meu pai e a desejar como tudo poder dizer-lhe a verdade.

Mas não posso. Estou encurralado. Preciso de um amortecedor que me ajude a ultrapassar aquilo que pode acabar por ser uma das piores semanas da minha vida. Graças a Deus que existe a Fable. Ela não faz ideia do quanto me está a ajudar. Nem nunca poderá vir a saber.



Bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

Temporária. É a palavra que melhor descreve a minha vida nos últimos anos. Sou a mãe temporária do meu irmão mais novo, já que, aparentemente, a nossa mãe não quer saber de nós. Tenho um trabalho temporário num bar, pelo menos até conseguir arranjar outra coisa. E sou a namorada temporária que todos os rapazes querem ter, porque me deixo seduzir facilmente. Ou, pelo menos, é o que dizem os rumores.

Sou neste momento a namorada temporária do Drew Callahan, lenda da equipa de futebol da universidade e de quem toda a gente gosta. Ele precisava de alguém que fingisse ser sua namorada durante uma semana. Em troca de dinheiro. Muito dinheiro.

Levou-me para o seu mundo falso, onde toda a gente me detesta e onde toda a gente quer alguma coisa dele. Mas a única coisa que o Drew parece querer... sou eu.

Já não sei em que acreditar. Tudo o que eu sei é que o Drew parece precisar muito de mim. E eu quero estar lá para ele. *Para sempre.*

**«Uma história doce e sexy
que vai agarrá-lo desde a primeira página.»**

Under the Covers



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER

livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-862-655-4



9 789898 626554

Ficção romântica